



XXXII COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE 2012 DIREÇÕES E SENTIDOS DA HISTÓRIA DA ARTE

RESUMOS

Daniela Pinheiro Machado Kern
Universidade Federal do Rio Grande de Sul - UFRGS

Geologia da paisagem: o jovem Hartt e a paisagem brasileira (1868-1870)

O presente trabalho propõe analisar desenhos e pinturas de paisagens brasileiras que foram elaborados no começo da carreira pelo geólogo canadense, naturalizado americano, Charles Frederick Hartt (1840-1878), com a finalidade seja de ilustrar artigos como *The Cruise of the "Abrolhos"* e *A naturalist in Brazil*, publicados ambos no *The American Naturalist*, em março de 1868, ou seu alentado livro, *Scientific results of a Journey in Brazil and Geology and Physical Geography of Brazil*, de 1870; seja de servir como recurso didático nas palestras e aulas sobre o Brasil que ministrou em diversas instituições americanas, a partir de 1867.

Hartt, paralelamente à intensa atividade científica, nos primeiros anos voltada à geologia e, mais tarde, a outros ramos do conhecimento, como etnologia, arqueologia e linguística, cultivou sua habilidade para o desenho e a pintura, direcionando-a para a elaboração de imagens científicas, entre as quais se destacam as que representam paisagens. Tais imagens em muitas ocasiões serviam para apresentar as características físicas e sócio-culturais do Brasil a um vasto público americano, que então pouco ou nada conhecia sobre o país.

Levando em consideração a discussão que teve lugar no século XIX sobre a necessidade ou não de o artista possuir conhecimento científico a fim de representar com mais acuidade a paisagem, atestada de modo precoce na obra *Modern Painters* (1843), de John Ruskin (1819-1900), ou algo tardio, em *Landscape Geology: A Plea for the Study of Geology by Landscape Painters* (1891), de Hugh Miller (1850-1896), interessa-nos no presente trabalho em que medida as obras de Hartt fazem uso das convenções da paisagem "topográfica", amparadas pela observação científica, e em que medida recorrem a topos correntes na construção das paisagens artísticas "de imaginação", vigentes no período. Também nos interessa, a partir do impulso que o estudo das relações e por vezes coincidências entre imagens artísticas e científicas vem recebendo nos últimos anos, por parte de autores como James Elkins e Martin Rudwick, averiguar as ambiguidades e limitações das distinções entre paisagem "topográfica" e paisagem artística "de imaginação" no caso particular de Hartt, geólogo profissional e artista amador.